

LEANDRO MAZZINI
COLUNA
ESPLANADA



MUDANÇAS NA MP 893

■ O Governo deve sofrer nova derrota no Congresso. Deputados e senadores tendem a modificar os principais pontos da Medida Provisória 893/19 que criou a Unidade de Inteligência Financeira (UIF), ex-Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf). Mais de 70 emendas foram apresentadas para alterar o texto da MP do presidente Jair Bolsonaro. Na comissão especial que analisa a matéria, há consenso para excluir a possibilidade de indicações políticas para o órgão, agora vinculado ao Banco Central. Há pressão sobre políticos de variadas associações de servidores de órgãos de controle e do Judiciário pela transparência e composição partidária.

MP de olho

■ Além disso, os parlamentares também receberam nota técnica do Ministério Público que defende que o órgão seja composto exclusivamente por servidores de carreira.

Poder do Amém

■ Deputados da bancada evangélica, capitaneados pelo federal João Campos (PRB-GO), querem aprovar R\$ 63 milhões para a construção do Museu da Bíblia em Brasília.

Brasil e ONU

■ Pelo menos 815 enti-

dades e personalidades latinas assinam Carta, à qual a Coluna teve acesso, apoiando a entrada do Brasil no Conselho de Direitos Humanos da ONU.

Dois lados

■ A 'Semana Brasil' mês passado - popularmente chamada de Black Friday do Governo - foi comemorada pelo setor de shoppings, em carta da maior associação divulgada a investidores. Mas a turma do varejo não animou tanto. As vendas ficaram na mesma, segundo relataram a empresários.

VALE UM FILME



DIVULGAÇÃO

■ O senador Humberto Costa (PT-PE) quer dar um aperto na Netflix e outros portais de streaming similares. A Netflix entrou para valer no Brasil, mas pelo visto não agrada ainda aos cofres públicos. Um projeto do parlamentar apresentado recentemente obriga pagamento de taxas a um fundo do governo, de acordo com o faturamento de empresas do setor, e determina um índice mínimo de investimento em produção brasileira.

Empresta aí!

■ Levantamento nacional do SPC Brasil e CNDL revela que 36% dos consumidores fizeram compras em nome de terceiros - o hábito (de pedir o nome emprestado) é ainda maior entre as pessoas de mais baixa renda (38%) e entre os jovens (46%).

Subindo

■ O Brasil já tem - pelo menos oficialmente - 76.823 drones catalogados na Agência Nacional de Aviação Civil, e 62.936 capacitados a pilotar. Os dados são de setembro.

Ra\$ante

■ A entrada da Azul na ponte aérea Rio-SP fez as concorrentes baixarem os preços das passagens. Voos do eixo SP, Brasília,

Rio saíram por R\$ 150 a R\$ 198 nos últimos dias.

Nobel do Desdém

■ Mereciam o Nobel da Paz: Irmã Dulce, que dedicou a vida a milhares de pobres; Zilda Arns, que promoveu o maior programa de combate à desnutrição infantil do mundo; e Chico Mendes, defensor incansável da Amazônia pelo mundo até ser assassinado. Jorge Amado e Ferreira Gullar, só para citar dois, entre outros brasileiros, estavam (e estão) à altura de grandes escritores para Nobel de Literatura.

Mas...

■ ...A Academia sueca há décadas desdenha o Brasil. A inteligência europeia merece o Nobel de Cegueira.

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Memórias construídas



Gabriel Chalita
Professor e escritor

Tenho saudade do mar. Tenho saudade da primeira impressão que tive diante do mar.

Nasci em um interior e demorei a chegar aqui. Vim descalço de sonhos. Vim fugido de um amor. Ela era o que eu tinha, quando nem vida tinha para contar história. Então, eu inventava.

A dor, eu não inventei. A primeira paixão foi cruel. Ela tinha experiência; eu, não. Ela ria da minha velocidade; eu, não. Temia que acabasse. Acabou. Um dia, ela apareceu com outro. Tão menino quanto eu. E disse nada. Não precisava. E foi assim que, pela primeira vez, chorei de amor. Chorei um choro tão doído e tão constante que aprendi a mentir tristezas. E, nelas, ia acreditando. Não queria que soubessem. Eu fui trocado e isso era fato. Passava pela rua dela e imaginava o que faziam. E rascunhava na minha mente as minhas imperfeições. Ele devia ser melhor, se não, ela estaria comigo.

Foi assim que parti e vim para uma cidade em que ninguém me conhecia. E continuei inventando histórias. E, inventando histórias, fui sendo amado. Falei de uma viuvez precoce. "Minha mulher morreu em um dia de junho. Fazia frio e ela não acordou abraçada a uma foto minha. Uma doença súbita me trouxe o luto. E, por isso, parti". Quando perguntavam de documentos de casamento, eu explicava que havia me despedido de tudo que lembrava aquele dia. Mudei um pouco a história para nos dizer noivos. Assim, não teria que mostrar documento. Acreditei tanto que não fui trocado que acalmei a saudade.

Encontrei outra mulher. E, novamente, me ajoelhei. Repeti alguns erros, talvez. O medo de um novo abandono me fez um criador de vitórias. Mentia para ser amado. Apenas isso. Um dia, ela soube que eu era diferente do que eu dissera. Coisa pouca. E se foi. E se foi dizendo que eu era melhor do que as minhas invenções. Chorei o perdão. Ela disse nada. Pedi que eu



coubesse em um abraço seu. Apenas isso. E ela disse que mentiras a perturbavam. Me lembrei de minha avó que, um dia, se chateou comigo. Conteí uma mentira boba de escola. De que havia ganhado um prêmio de poesia. E ela soube que nem concurso houvera. E não me abraçou.

Depois da nova dor, fui ver o mar. Um dia, me contaram que é tudo como as águas que vêm e que vão. Que as pedregadas vão se despedindo uma a uma. As belas e as estranhas. Então, é preciso esperar. Nem sei bem se me contaram isso. Não quero mais fantasiar. No carnaval da minha pequena cidade, certa vez, me fantasiei de feliz. Não. Aqui estou eu mentindo. Nem sei se existe essa fantasia. Decerto, não. Se existisse, ia rezar para que fosse carnaval todo dia. Mas não é.

Conheci uma outra mulher. E, com essa, entendi a paz. Era bom ir à praia. Era bom ver o quanto ela brincava com as espumas. E o quanto me beijava sem perguntas. Dos nossos sentimentos, vieram nossos filhos. Vez ou outra, me pegava dizendo que vivi o que não vivi.

Não sou um mentiroso. Sei disso. Gosto de florescer nas histórias. Apenas isso. Minha mulher percebia e dizia nada. Apenas me amava. Depois de tantos banhos de mar, ela se foi. De uma dessas doenças que ainda não conseguimos vencer. E eu fiquei. Choramos juntos entre túmulos e vidas.

Havia os nossos filhos para dar alicerces. E alguma pouca juventude.

Depois dela, não mais fui ao mar. Era como se aquele lugar fosse para viver junto. Seus pulos cheios de gracejos. Seu mexer de braços. Seu correr sorrindo de volta para a areia, enquanto eu fazia castelos imaginários com as crianças.

As crianças não mais são crianças. Ela não mais virá correndo. E eu já não tenho vocação para construir castelo algum. Sobrou em mim um casebre de tempo. Ruindo a cada dia.

Estou em um hospital, me recuperando de um corte. Abriam. Tiraram alguma coisa. E fecharam. Dizem que estou bem. Que tudo deu certo. Não sei se é verdade ou não. A verdade é que tenho saudade do mar. Algumas pessoas dizem que, na morte, alguém que amamos vem nos buscar e nos conduzir para que tenhamos segurança. Fico imaginando minha mulher saindo das águas do mar e me estendendo as mãos e me chamando para um banho eterno de amor.

Se eu quisesse me lembrar das outras que partiram, consigo, mas tenho que me esforçar muito. Talvez me lembre mais da dor que senti quando elas partiram. É assim que é. Um dia, varremos as lembranças que não fazem falta e nos ocupamos de organizar os espaços que, na alma, se chamam gratidão. Nas mentiras, encontrei uma mulher de verdade. E filhos de verdade. E uma vida de verdade. E senti que o amor só é amor quando não exige perfeições.

Nas lembranças de gratidão, vejo o sorriso de minha mulher de verdade admirando as minhas histórias e gostando de estar ali, comigo. Não sei se dei a ela tudo o que eu deveria ter dado. Não sei se agradei o necessário. Éramos, um para o outro, o bastante. E foi assim que pegamos ondas, que ralamos no raso, algumas vezes, que enfrentamos profundidades. Juntos.

Se eu conseguir sair daqui, quero ver o mar mais uma vez. E, se possível, entrar na água e chorar o quanto eu aguentar. E, depois, estar pronto para o que tiver que acontecer. Não. Não estou triste. Estou apenas nadando em memórias verdadeiras. E sorrindo acompanhado.

Cedae é a solução



Cid Curi
Engenheiro sanitário e professor universitário

Nas últimas duas décadas, cerca de 270 cidades na Europa e nos Estados Unidos vêm reestabelecendo serviços como distribuição de água e saneamento. Exemplos como Nova Iorque, Budapeste, Paris, Barcelona, Sevilha e Nápoles. O maior número de casos (348) ocorreu na Alemanha, incluindo Berlim. Somente nos EUA, foram cerca de 60 cidades que "voltaram no tempo".

Aumento desproporcional de tarifas; abandono de populações de baixa renda e de localidades com baixa densidade populacional ou distantes de centros administrativos, financeiros e/ou comerciais; descumprimento de cláusulas dos contratos de concessão principalmente pela falta de investimentos; e até má qualidade da água fornecida foram algumas das razões que levaram o poder público a decidir

pela retomada desse serviço tão essencial à vida nesses países.

O Rio está fazendo um movimento inverso. E é preciso estar atento ao que essa medida significa. Por exemplo, o lucro obtido nas áreas mais ricas e de maior concentração populacional do estado - majoritariamente da capital - é usado pela Cedae para cobrir os custos nas áreas deficitárias.

É esse subsídio cruzado que beneficia e viabiliza a prestação do serviço na quase totalidade de 63 municípios entre os 64 onde a companhia realiza atendimento.

Será que os R\$ 3,4 bilhões em obras que a empresa está fazendo neste momento em áreas sem retorno financeiro da Baixada Fluminense estariam acontecendo nas mãos da iniciativa privada? É óbvio que não.

A privatização do saneamento básico da cidade de Niterói não serve de exemplo. A empresa Águas de Niterói recebeu da Prefeitura de Niterói todos os ativos que eram usados pela Cedae, como tubulações, reservatórios, estações de tratamento, elevatórias etc.

Por mais de uma década, a partir da privatização nos anos de 1990, a Águas de Niterói pagou pela água à Cedae um valor três ou quatro vezes menor do que o real custo do tratamento do seu metro cúbico. Há pouco tempo, após longas negociações, é que a companhia conseguiu cobrar um valor maior, ainda assim, menor do que o real valor gasto por ela para tratar a água e transportá-la até Niterói. Assim fica fácil. Privatiza-se o lucro.

No início deste ano, a concessionária privada que atendia o município de Guapimirim abandonou o contrato, deixando 60 mil pessoas sem abastecimento. Recém empossado, o governador Wilson Witzel (PSC) determinou que a Cedae assumisse o sistema na cidade, o que aconteceu em poucas horas, evitando o caos.

Isso só foi possível porque trata-se de uma empresa pública e, como tal, serve ao cidadão e não aos interesses dos donos do capital.

Quando o calo apertou, a Cedae não foi um problema e sim, a solução. Como sempre.

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600

PRESIDENTE:
Luiz Alberto Albuquerque

EDITORA-CHEFE
Joana Ribeiro

EDITOR EXECUTIVO
Marcelo Senna

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 - Benfica
Gerência Industrial: 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irai 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

Brasília: Tel: (61) 9812-2227.

Promoções: promoco@odia.com.br
Classificados: 2532-5000 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h

às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8338 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornal: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Rua dos Inválidos 198, 2º andar, Lapa - CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).